

APRENDIZAGEM, USO DA LIBRAS E IDENTIDADES SURDAS: UM ESTUDO COM JOVENS E ADULTOS SURDOS DO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS-BA

Dilcinéa dos Santos Reis (Pós Crítica/UNEB)¹

Resumo: O mundo das pessoas surdas não é um mundo de sons; é um mundo visual. Elas percebem os acontecimentos através da visão, compreendem o mundo através do olhar. Tomando como base esse princípio, apresento a pesquisa intitulada: Aprendizagem, uso da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais e identidades surdas: um estudo com jovens e adultos surdos do município de Alagoinhas-Ba, o qual tem como pergunta investigativa: Como a aprendizagem e uso da LIBRAS se relacionam com a construção de identidades e vivências de jovens e adultos surdos e como contribuem pra sua inserção social? O objetivo geral consiste em compreender como a aprendizagem e uso da LIBRAS se relacionam com a construção de identidades surdas com suas vivências no mundo e inserção social de jovens e adultos surdos, que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: caracterizar a LIBRAS e como se apresenta na vida de jovens e adultos surdos de Alagoinhas/Ba; conhecer histórias de vida de jovens e adultos surdos, a fim de compreender como suas identidades se constroem na relação com outros surdos e com ouvintes no contexto social; e depreender o impacto da aprendizagem e uso da LIBRAS na vida dos jovens, adultos surdos e nas suas possibilidades de inserção social. A pesquisa é de abordagem qualitativa e faz uso da observação, entrevistas em LIBRAS e vivência com os surdos, como técnicas de registro de dados. No que se refere à fundamentação teórica, utilizo teóricos da Língua de Sinais, como: Strobel (2007), Perlin (2002), Quadros (2007); dos estudos culturais, como Hall (2007); e da linguística aplicada indisciplinar, como Lopes (2007).
Palavras-chave: LIBRAS. Identidades. Jovens e Adultos Surdos.

INTRODUÇÃO

Desde que surgiram os estudos culturais, a visão sobre identidade surda tem sido repensada e revista em novas formas. Não é mais a forma como o indivíduo se vê como surdo sob um ponto de vista de um corpo “normal”. É o surdo sendo observado através do ponto de vista das identidades. A identidade não é uma visão que generaliza o sujeito. É importante começar a vê o surdo na alteridade e na diferença representada dentro da história e da política.

Assim, em 2002 foi aprovada a Lei nº 10.436/2002 que reconhece a Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira. A partir de dezembro de 2005, através do decreto 5.626, a Libras é regulamentada em âmbito nacional.

Nesse contexto, a pesquisa intitulada: Aprendizagem, uso da Libras e identidades Surdas: um estudo com jovens e adultos surdos do município de Alagoinhas-Ba, no qual tem como pergunta investigativa: Como a aprendizagem e uso da LIBRAS se relacionam com a construção de identidades e vivências de jovens e adultos surdos e como contribuem pra sua inserção social? O objetivo geral consiste em compreender como a aprendizagem e uso da LIBRAS se relacionam com a construção de identidades surdas com suas vivências no mundo e inserção social de jovens e adultos surdos, que se

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/ UNEB, Campus II – Alagoinhas-BA). Orientadora: Profa. Dra. Licia Maria de Lima Barbosa. Endereço eletrônico: neasantos@yahoo.com.br.

desdobram nos seguintes objetivos específicos: caracterizar a LIBRAS e como se apresenta na vida de jovens e adultos surdos de Alagoinhas/Ba; conhecer histórias de vida de jovens e adultos surdos, a fim de compreender como suas identidades se constroem na relação com outros surdos e com ouvintes no contexto social; e depreender o impacto da aprendizagem e uso da LIBRAS na vida dos jovens, adultos surdos e nas suas possibilidades de inserção social. Esse trabalho tem como justificativa pessoal, o descobrimento de porque uns alunos surdos se desenvolvem na libras e outros não? Como justificativa social, mostrar para a comunidade ouvinte a importância do ser surdo, para a partir daí eles próprios mostrarem para a comunidade ouvinte o que é ser surdo; e como justificativa acadêmica, juntos aos surdos buscar meios que possibilitem a Libras ser veiculada em diversos meios sociais, a fim de que, a mesma se torne reconhecida como língua nestes meios no qual e assim a identidade surda seja evidenciada. Para ampliar os horizontes dessa pesquisa me fundamentarei em teóricos da Língua de Sinais, como: Strobel (2007), Perlin (2002), Quadros (2007); dos estudos culturais, como Hall (2007); e da linguística aplicada indisciplinar, como Lopes (2007).

REVISÃO DA LITERATURA

Desde que a humanidade existe, existem surdos. E, como não poderia deixar de ser, a história destes foi atravessada pelas ideias que circularam ao longo dos séculos, marcando e delimitando territórios teóricos, políticos, sociais, culturais e psíquicos da construção de subjetividades.

Na primeira designação segundo (GOMES 2014.p.01) “o homem que não escuta é o homem que não é entendido”, dessa forma, há uma referência à qualidade daquela pessoa que, por sua singularidade, a diferencia das demais. Já, após Homero, com a significação de “mudo” introduz-se um equívoco, ou seja, de que o surdo não fala e, aprofundando mais, que a fala é entendida no âmbito único da oralidade. Também, se introduz a ideia de dupla falta: incapacidade física (órgão auditivo defeituoso) e incapacidade emocional (estúpido e insensível) (GOMES, 2014 p. 01).

Segundo Quadros (1997) a associação da língua com a fala provocou um dos grandes equívocos que se encontra na história sobre a surdez, pois reduziu o conceito de língua à dimensão da oralidade e a associação de linguagem como pré-requisito para o pensamento.

Na segunda designação, considerava os surdos como indivíduos competentes e reconhecia a língua de sinais como própria da comunidade surda, pregando que o surdo deveria ser educado nesta língua. Neste período surgiram vários estudos sobre a língua de sinais e as comunidades surdas conseguiram um *status* social, político, econômico, linguístico e cultural. Uma grande conquista foi a abertura de escolas públicas para surdos onde, em muitas delas, a condução pedagógica era

realizada somente por surdos. Com isso, os surdos puderam estudar e se formar em diversas profissões.

Ao retomar a sua história, a comunidade surda, organizou-se e fundou associações que buscavam aglutinar indivíduos que tinham em comum a surdez, marcando a peculiaridade específica da sua comunidade. Este reatamento se manifestou através das 4 várias atividades artísticas, o ensino da língua de sinais, a divulgação dos costumes surdos, etc.

A SURDEZ SOB O OLHAR DA DEFICIÊNCIA

Após o Congresso de Milão em 1880, desencadeou-se na Europa um movimento em prol da língua oral e em detrimento da língua de sinais – o oralismo. Na época, o movimento foi fortalecido pelas descobertas “científicas” da medicina e da psicologia. Sanches (1990) diz que no século XVIII, com o movimento iluminista, nasceram as primeiras construções científicas a respeito da surdez. Estudos clínicos sobre a normalidade e a loucura abrem com Philippe Pinel a introdução do conceito de enfermidade aos loucos e aos “diferentes”. Frente a isso, os surdos passaram à categoria humana, porém, ‘enferma’. Entendidos como doentes pela medicina e, mais tarde pela psicologia, foram catalogados pelo saber médico, o qual conclui que eram uma “sub-espécie”, uma “anomalia” que deveria ser erradicada. Moura (2000) relata pesquisas como as do médico cirurgião Jean-Marc Itard, que na tentativa de descobrir as causas da surdez desenvolveu métodos com os surdos como: dissecar cadáveres, aplicar cargas elétricas nos ouvidos, furar as membranas timpânicas, colocar cateteres nos ouvidos de pessoas com problemas auditivos, entre outros, que resultaram em fraturas de vários crânios, bem como, infecções nos ouvidos e morte de vários surdos. Estas intervenções e outras como, utilizar métodos de esterilização para evitar a procriação, eram aceitas como procedimentos normais em prol das pesquisas científicas que visavam a erradicação ou a diminuição desse “mal”.

Desta forma, a medicina, a psicologia absorveu o discurso clínico que cataloga e classifica o surdo como “enfermo” e o incluiu no rol das deficiências, descrevendo-o como “incapaz”, “impossibilitado”, “defeituoso”, “anormal”, “inferior”, enfim, resumindo-o a um par de orelhas não funcionais, além de descrevê-lo como portador de “audição defeituosa”, “deteriorização auditiva” entre outras, culminando com a designação de “deficiente auditivo”.

Assim, coube as outras áreas como a antropologia, sociologia e a linguística mostrar um outro olhar para com os surdos, um olhar este, que surgiu a partir do conhecimento da comunidade surda, sua organização, bem como sua língua – a língua de sinais.

Deste novo olhar nasceu uma visão diferente, a sócio-antropológica que propôs uma mudança de paradigma na visão sobre a surdez. Esse novo olhar se contrapõe à concepção patológica construída pela medicina e assessorada por outras disciplinas, as quais isolam, excluem socialmente, estigmatizam, preconceitualizam e classificam. Esta nova visão se expressa num contexto sócio-histórico, que respeita as diferenças. Segundo Gonçalves e Silva (1998) isso fica bem claro nos Estudos Culturais e no Multiculturalismo, que partem do pressuposto da pluralidade de experiências culturais contribuindo para produção de novas subjetividades.

A SURDEZ SOB UM OLHAR DA DIFERENÇA

Pinto (2001) diz que a visão sócio-antropológica se expressa para que os sujeitos sociais valorizem, exponham suas diferenças e suas culturas específicas em busca de afirmação cultural. É um movimento social que se opõe a todas as ações homogeneizadoras da vida social. É o reconhecimento da diferença, buscando o direito de cada um conviver com suas características próprias, de fazer valer os direitos civis, linguísticos, culturais, étnicos, religiosos entre outros. As diferenças culturais constroem, nos espaços multidimensionais do mundo contemporâneo, a possibilidade da existência de novas identidades e subjetividades.

Marques (1998) situa bem esta questão quando afirma que o surdo apreende o mundo pela visão. Este apresenta um pensamento plástico que atravessa ideias e comportamentos através de uma linguagem que existe pelas imagens e representações mentais que informam a percepção, de acordo com características intelectivas próprias. A visualidade é o principal canal de processamento de esquemas de pensamento que propicia a aquisição, construção e expressão de conhecimento, valores e vivências que levam a uma concepção de mundo muito particular.

Compartilhando estas ideias Perlin (1998) define o surdo como pertencente a um “mundo de experiência visual e não auditiva”. Viver uma experiência visual é usar a língua de sinais. Os surdos têm na língua de sinais sua maior expressão. É através dela que a criança surda comunica-se livremente, sem restrições, elaborando hipóteses sobre o mundo e conceituando ideias e pensamentos. A língua de sinais é, assim, mais que um veículo de comunicação, é um repertório de conhecimentos culturais, um símbolo de identidade social, da história e dos valores e costumes dos surdos. Sacks (2002) afirma que:

...os surdos têm um interesse especial, intenso, em sua própria língua. Exaltam-na em termos afetuosos e reverentes e a consideram uma parte íntima, indissociável de seu ser, algo de que eles dependem. A língua de sinais é fundamental para a identidade comum dos surdos, é uma criação pessoal dos surdos como grupo e, é o código que pertence totalmente a eles. (SACKS, 2002).

Portanto, a comunidade surda se distingue das demais por ter uma língua própria – a língua de sinais. Esta, por se dar numa modalidade espaço-visual, marca uma visão de mundo diferente da modalidade oral-auditiva, bem como, sua história e sua cultura.

Contudo, faz – se necessário destacar que diferente da concepção negativa que o senso comum atribui à surdez, a noção de cultura busca compreender positivamente os surdos na sua dimensão antropológica, histórica, psicológica e social. A dimensão cultural, associada à vida social e subjetiva das pessoas surdas, destaca as capacidades individuais e coletivas que elas compartilham com todos os seres humanos. Ao contrário, as visões discriminatórias que representam as pessoas surdas como meros deficientes físicos que apresentam uma incapacidade auditiva evidente, destacando, dessa forma, o surdo como diferente de uma pessoa “normal”.

Há várias definições para a palavra “cultura”, contudo, a noção de cultura em sua origem remete ao cultivo do campo pelos homens, às técnicas e sentidos para o cuidado com a terra, derivando dessa história social a ideia de comunidade e a identificação ao território e seus habitantes, nos seus produtos materiais e simbólicos. Ora, um dos produtos mais notáveis da cultura humana foi as diferentes línguas que surgiram desse convívio para a garantia e desenvolvimento da vida, baseadas na comunicação social, na organização política, na troca de experiências tecnológicas, na elaboração filosófica e científica, nas narrativas poéticas, nos relatos cotidianos, entre outros.

Nesse sentido, considerando que a surdez distingue sensorialmente um grupo particular de humanos, criando um modo específico e compartilhado de ser, de ver e de comunicar o mundo, podemos dizer, então, que a cultura surda preenche todos os critérios aqui definidos: comunidade (indivíduos), identificação (sensorial), território (organizações e locais) uma língua própria (língua de sinais).

A denominação cultura e comunidade surda é largamente difundida na bibliografia e produção técnica sobre a questão da surdez, porém, alguns autores defendem o uso da noção de “povo surdo” (STROBEL, 2009), ao invés de comunidade surda, considerando a primeira como o coletivo exclusivo das pessoas surdas e a segunda como o conjunto de surdos e ouvintes (familiares, amigos, estudiosos, interessados) envolvidos com a surdez. É claro que esses diferentes posicionamentos estão envolvidos na adoção de um sentido político. De um lado, destaca-se a luta de associações de surdos pelo reconhecimento de uma cultura particular e por direitos específicos. De outro lado, buscam-se formas ampliadas de inclusão e de participação na cultura social geral (local, regional, nacional, internacional).

Ao contrário das visões discriminatórias sobre os surdos, a noção de cultura atribuída à surdez é compreendida em sua dimensão antropológica, histórica, psicológica e social. A noção de

cultura surda preenche os critérios conceituais de: comunidade (indivíduos), identificação (sensorial), território (organizações e locais) e língua própria (língua de sinais).

De fato, para os surdos, o aprendizado da Língua Portuguesa (oral-auditiva) não é o caminho natural, sendo a Língua Brasileira de Sinais (visual-espacial) a mais adequada para o desenvolvimento cognitivo inicial. Todavia, pela convivência histórica e cotidiana com uma cultura de ouvintes, a aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua é fator imprescindível para a inclusão das pessoas surdas na sociedade brasileira.

Dessa forma, a proposta de ensino bilíngue para surdos, na qual a Libras é reconhecida como a língua natural e como pressuposto para o ensino do Português, “atravessa a fronteira linguística e inclui o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela em uma perspectiva sócio antropológica” (SILVA, 2008, p. 50).

Nesse contexto, podemos perceber que o sujeito se constrói quando estabelece contatos com o meio e vive situações diferenciadas de representação. Os discursos que constituem as representações definem poderes desiguais que ocupam diferentes espaços e controles dentro dos grupos.

METODOLOGIA

A escolha do método que conduz uma pesquisa geralmente não é tarefa das mais fáceis, principalmente quando o que se pretende é conhecer uma realidade em que o pesquisador está diretamente envolvido. Com relação a esta pesquisa logo ficou evidente, a partir de onde se quer chegar que se trata de uma abordagem de pesquisa qualitativa e faz uso da observação, entrevistas em LIBRAS e vivência com os surdos, como técnicas de registro de dados. Além disso, este trabalho possui um perfil da metodologia de História de vida, no qual é uma abordagem que utiliza a narrativa das vivências do sujeito para levá-lo a um processo de transformação. Segundo Josso (2004, p.9) o sujeito pode “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”.

RESULTADOS

Como resultados, pretendo ao final desta pesquisa, compreender como a aprendizagem e uso da LIBRAS se relacionam com a construção de identidades surdas com suas vivências no mundo e inserção social de jovens e adultos surdos do município de Alagoinhas.

CONCLUSÃO

Para finalizar essa etapa, pois o estudo, ou a pesquisa não para por aqui, sinto que esse trabalho se tornou profícuo, pois, os estudos voltados às questões culturais surdas denotam estudos em diversos âmbitos e que requer vários olhares, pois, com esse trabalho pude perceber que a característica intermediária do povo surdo pode ser discutida e indagada inúmeras vezes entre as obras literárias porque, de fato, dá a ideia de outro espaço, ou seja, algo novo e distinto que nem sempre está 'no meio', mas que provavelmente é paradoxal e conflituoso tal qual os indivíduos que retrato – os surdos. Mediante a leitura e análise destes entremeios, busca-se a subjetividade do sujeito e com ela a identidade de uma comunidade – a comunidade surda.

Não tão obstante, a literatura revela este paradigma cultural, pois expõe a potencialidade de criação deste espaço em que vozes, crenças, saberes e vontades se aproximam, misturando-se num processo inevitável de transformação e inovação.

Contudo, eu finalizo essa reflexão como uma pesquisadora que não se cansa de buscar entender por meio dos estudos culturais, interculturais os estudos surdos, bem como a Libras. Eu continuo a acreditar no pressuposto de que mais atraentes que os pontos de partida e de chegada, tornam-se o trajeto e a travessia de uma experiência cultural. Portanto, os estudos culturais surdos, juntamente com os estudos linguísticos da Libras passa a ser pra mim o corolário que imortaliza os sentimentos oriundos dessas passagens, desse momento.

REFERÊNCIAS

- DALCIN, Gladis. *Um estranho no ninho: Um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo*. Florianópolis. 2005.
- GOMES, Rosana Dias. O SURDO: SUA HISTÓRIA, SUA LÍNGUA, SUA CULTURA <https://www.somostodosum.com.br/clube/artigos>. Acesso em 31.08.2019.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais e pós modernidade*. Belo Horizonte. Ed UFMG. 2007.
- KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda*. Universidade Federal de Santa Catarina,. Florianópolis. 2004.
- LIMA, Maria Nazaré Mota de Lima. *Relações Étnicos Raciais na Escola: o papel das linguagens*. Salvador. EDUNEB. 2015.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo:EPU, 1986.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 279p. 2006.
- MOREIRA, H. CALEFFE L.G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. RJ:DP&A, 2006.
- MOURA, Maria Cecília. *O Surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- Pennycook. Alastair . *Uma linguística aplicada transgressiva*. São Paulo: Parábola Editorial, 279p. 2006.

PERLIN, G. *Identidade Surda e Currículo*. Em Surdez - Processos Educativos e Subjetividade. Cristina Broglia Feitosa Lacerda e Maria Cecília Rafael de Góes (org.) Lovise. São Paulo. 2000.

QUADROS, Ronice Muller e KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira- Estudos Linguísticos*. Artmed. 2004.

STROBEL, Karin. *A imagem do outro sobre a cultura surda*. 3ª edição. Florianópolis. Ed da UFSC. 2015.